

# **Cuba! Todo Tiempo Futuro Tiene que Ser Mejor!**

**Nilton Giese**

## **Para Começar**

Uma das coisas que mais nos chamou a atenção nos dois anos que vivemos em Cuba, foi a grande memória histórica que o povo cubano tem. Isso a gente nota quando se está presente numa dessas tantas filas que existem em todos os lugares. Particularmente aprendi a conhecer a história de Cuba a partir dessas filas. E, aos poucos, os ouvidos também foram se tornando sensíveis para a sintonia local e logo percebi que para compreender a Cuba era preciso que conhecêssemos essa história de Cuba. A partir daí a gente acaba também entendendo por que Pablo Milanez canta: “Esa sociedad no es perfecta, pero se acerca de lo que yo simplemente soñé.”

## **Desde 1492...**

A história rebelde do povo cubano começa com a chegada dos espanhóis em 1492, que também procuraram ali subjugar os indígenas a ferro e a fogo. Um conhecido rebelde desse tempo é o índio Hatuey. Depois de lutar contra os espanhóis na República Dominicana, depois de ter fugido para Cuba, Hatuey torna-se também o líder da resistência indígena em Cuba. Quando apresado, é condenado à fogueira pelos espanhóis. Um padre lhe pergunta: “Hatuey, te gustaria ir para el cielo?” Ao que Hatuey responde: “Acaso hay españoles en ese cielo?” O padre responde: “Por supuesto que hay también españoles!” Então o índio teria concluído: “Entonces no quiero adentrar en ese cielo!” Foi em pessoas assim e conhecendo o sofrimento que os espanhóis impunham aos indígenas, que o sacerdote espanhol em Cuba, Bartolomeo de las Casas (1474-1566) teve sua conversão profética, saindo pela América Latina em defesa dos povos indígenas.

## **As Guerras pela Independência**

A primeira guerra independentista aconteceu em 1868 contra a Espanha. As primeiras batalhas não foram vitoriosas. Muitos caíram na luta, dentre eles o apóstolo de Cuba, José Martí. Após 30 anos de batalhas na luta pela independência, Cuba foi acoplada pelos Estados Unidos em 1898.

Neste ano o governo norte-americano interveio com suas tropas na luta entre Cuba e a Espanha e, mediante o tratado de Paris, conseguiu da Espanha a renúncia ao direito de soberania e propriedade sobre Cuba. Dessa forma, Cuba passa a ser agora colônia norte-americana. O governo norte-americano fez constar na Constituição de Cuba que era seu direito intervir em Cuba, sempre que o governo norte-americano o considerasse conveniente para a segurança de seus interesses em Cuba. Foi nessa época que se construiu a Base Militar de Guantánamo em Cuba. Uma base militar norte-americana que existe e funciona até hoje.

O fato de Cuba ter toda a sua economia atrelada aos Estados Unidos, de ter a maior parte de suas terras em mãos de proprietários norte-americanos, isso levou o povo cubano a criar um sentimento de repúdio ao estrangeiro. Estrangeiro se identifica com colonialista. Essa situação favoreceu a fundação do Partido Socialista e Comunista de Cuba, que tinha como objetivos imediatos conquistar a independência nacional. Esse partido se afirmou em 1952 com declarado discurso anti-imperialista, pregando a Reforma Agrária e a autonomia política e econômica de Cuba.

Esse movimento anti-imperialista sofreu ataques por parte das forças tradicionais cubanas e estrangeiras, que passaram a instigar a necessidade de um golpe de Estado por parte da oligarquia nacional, antes que os revolucionários o fizessem. Assim, em 10 de março de 1952 sobe ao poder, pela segunda vez, mas agora em caráter de golpe de Estado, o presidente Fulgêncio Batista. O golpe de Batista abriu em maior medida ainda os portos cubanos aos monopólios estrangeiros, favoreceu plenamente os interesses dos latifundiários cubanos e estrangeiros, incrementou a exploração dos trabalhadores. A corrupção dos governos anteriores continuou, e se desencadeou a mais brutal e sangüinária onda de terror que a História de Cuba registrou.

Neste período, Fidel Castro Ruz, um advogado e político da região de Santiago de Cuba, filiado ao Partido Ortodoxo, inspirado pelos ensinamentos do mestre José Martí e por concepções marxistas-leninistas, organizou um movimento independente dos politiquieiros corruptos e pró-imperialistas, para desencadear uma revolução armada. Em 26 de julho de 1953 esse grupo liderado por Fidel atacou os quartéis Moncada e Céspedes, com o objetivo de conseguir armas, armar o povo, ocupar as cidades de Santiago de Cuba e Bayamo, onde se localizavam esses quartéis, e dar a conhecer à nação o programa revolucionário, convocando os trabalhadores para uma greve geral, desatando, assim, um movimento de rebeldia nacional capaz de provocar a queda do regime opressor de Batista. Caso essa ação fracassasse, os revolucionários deveriam subir as montanhas da Sierra Maestra e iniciar a guerra de guerrilhas.

Em termos militares o assalto aos quartéis foi um fracasso. A quase totalidade dos revolucionários foram mortos em combate e em sessões de tortura. Entre os sobreviventes estava Fidel Castro, que em seguida também foi preso. Julgado, Fidel faz sua própria defesa, conhecida hoje como “a

História me absolverá”, onde ele faz uma análise da situação do país e esboça o programa popular de governo que seu movimento procurava dirigir. Fidel foi condenado a 20 anos de cadeia no presídio da Ilha da Juventude. Uma campanha popular logra sua libertação após 22 meses de reclusão. Livre, mas com todos os seus direitos políticos cassados, Fidel vai para o México, onde se empenha na reorganização da luta armada, formando o *Movimento 26 de Julho (M-26-7)*. No México se integra ao grupo de cubanos o argentino Ernesto Guevara, *El Che*. Alugam uma fazenda, praticam tiro, ações guerrilheiras de ataque e aprofundamento ideológico. Por fim, compram um iate (El Granma) e seguem para Cuba com 82 expedicionários a bordo. Em Cuba são esperados para o dia 30 de novembro de 1956, e para tal são organizadas manifestações de revolta na cidade de Santiago de Cuba, para despistar os militares, favorecendo o desembarque. Mas o Granma atrasou. As manifestações aconteceram conforme foram previstas. A polícia prendeu os manifestantes e sob tortura confessaram o objetivo da agitação. Quando o Granma chegou às costas cubanas em 02 de dezembro, o exército já o esperava. O desembarque foi desastroso. Dos 82 expedicionários apenas 12 sobreviveram à recepção preparada pelo exército.

Assim, com apenas 12 pessoas, algumas muito feridas, reiniciou-se a organização revolucionária na Sierra Maestra. Junto com o movimento guerrilheiro surgiram outras organizações clandestinas em diversas partes do país que supriam a guerrilha nas montanhas. Nesses grupos de apoio participaram um grande número de pastores evangélicos. Depois de dois anos de luta, o movimento revolucionário se torna vitorioso em 1º de janeiro de 1959, quando as tropas rebeldes entram em Santiago de Cuba. Ernesto Che Guevara e Camilo Cienfuegos avançam com suas colunas em direção à capital Havana. Enquanto isso, Fidel chama todos os trabalhadores do país à greve geral. Fidel chega a Havana em 08 de janeiro de 1959.

### **Situação Pós-1º de Janeiro**

A vitória revolucionária alterou a correlação entre as classes sociais no país. O bloco burguês-latifundiário foi destituído do poder político e econômico. Este poder passou para as mãos de uma aliança de massas populares de trabalhadores urbanos, camponeses e estudantes. Em maio de 1959 foi promulgada a Reforma Agrária e com ela liquidada a grande propriedade latifundiária. Foram beneficiados 500 mil trabalhadores volantes e 100 mil agricultores sem-terra.

Diante da nova situação em Cuba, o imperialismo norte-americano reduziu a cota de importação de açúcar e implantou o bloqueio econômico, isto é, determinou que as boas relações comerciais dos outros países com os E.U.A. dependiam da abstinência comercial com Cuba. Em resposta, surgiram internamente em Cuba as organizações populares como a Associa-

ção dos Jovens Rebeldes, a Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP), a Federação das Mulheres Cubanas (FMC), as Milícias Nacionais Revolucionárias e os Comitês de Defesa da Revolução (CDRs). Internacionalmente Cuba é socorrida pela URSS e em 16 de abril de 1961, Fidel Castro proclama a Revolução Cubana como revolução socialista. Apesar de socialista, a designação “Partido Comunista” ainda não existia. Havia então uma frente partidária constituída pelo Movimento 26 de Julho, pelo Partido Socialista Popular e pelo Diretório Revolucionário Estudantil. O partido Único se impõe somente em 1965, no acatamento à linha stalinista que passa a tutorar a Revolução Cubana. A partir de então o poder se afirma, impossibilitando a organização de uma oposição oficial. Cuba comete aí o seu pecado, militarmente compreensível pela necessidade de se mostrar forte diante do gigante imperialista (E.U.A.), mas revolucionária e politicamente imperdoável, porque infringiu uma das leis fundamentais da História, que não permite estacionamentos. Quem estaciona na História acaba pagando pesadas multas, e em muitos casos acaba perdendo a carteira de membro condutor da História.

## **O Socialismo em Cuba**

No trabalho de construção do socialismo em Cuba, a Revolução transformou de modo substancial a sociedade capitalista subdesenvolvida e dependente de antes da Revolução. Os meios de produção e 80% das terras passaram para o Estado. Consolida-se o setor de trabalho cooperativo como forma de trabalho socialista. No setor da construção civil surgem as microbrigadas e os contingentes, que com grande número de trabalhadores realizam grandes obras em curto espaço de tempo. Na área cultural, os grandes intelectuais de hoje são filhos de trabalhadores. No setor da saúde, a Revolução já graduou 36 mil médicos(as), que optam em viver nos lugares mais remotos e de difícil acesso, demonstrando que a medicina não deve ser uma forma de explorar o povo, mas deve estar a serviço da comunidade e dos indivíduos que dela necessitam. Atualmente existe um (1) médico para cada 250 pessoas.

Outra forma nova do socialismo é que o trabalho deixa de ter o caráter alienante e reduzido à compensação financeira. Os salários não são tão desproporcionais. Um varredor de rua ganha até 200 pesos, enquanto que um médico clínico-geral ganha ao redor de 400 pesos. A grande maioria dos trabalhadores especializados tem como motivação a possibilidade de tornar-se mais útil, de servir e se sacrificar se for necessário. Todos sabem que o trabalho não é pago somente com salários. Em Cuba, o trabalho também é pago com educação, saúde, alimentação básica, moradia, lazer, tudo subsidiado total ou parcialmente. Existe uma consciência da importância do trabalho de cada um para a sustentação desses benefícios e que a busca

por melhor qualidade a baixos custos representa uma melhoria também na qualidade dos benefícios. Não quero repetir aqui o que já foi relacionado pelo P. Malschitzky em seu artigo sobre sua experiência em Cuba antes de nós, mas gostaria de citar ainda um poema de Nicolás Guillén, poeta nacional de Cuba, que resume de forma poética o cotidiano pós-1º de janeiro de 1959. O poema se intitula “Tengo”:

Cuando me veo y me toco  
yo, Juan sin Nada no más ayer  
y hoy Juan con Todo  
y hoy con Todo  
vuelvo los ojos, miro,  
me veo y me toco  
y me pregunto como ha podido ser.

Tengo, vamos a ver  
tengo el gusto de andar por mi país  
dueño de todo cuanto hay en el  
mirando bien de cerca lo que antes  
no tuve ni podía tener.

Monte puedo decir,  
ciudad puedo decir  
ejército decir,  
ya míos para sempre, tuyos, nuestros.

Tengo, vamos a ver  
tengo el gusto de ir  
yo, campesino, obrero, gente simple,  
tengo el gusto de ir  
(es un ejemplo)  
a un banco y hablar con el administrador  
no en inglés,  
no en Señor,  
sino decirle COMPAÑERO, como se dice en español.

Tengo, vamos a ver,  
que siendo negro  
nadie me puede detener  
a la puerta de un dancing o de un bar,  
o bien a la carpeta de un hotel,  
gritarme que no hay pieza,  
una mínima pieza,  
una pequeña pieza donde yo pueda descansar.

Tengo, vamos a ver  
que no hay guardia rural  
que me agarre y me encierre en un cuartel  
ni me arranque y me arroje de mi tierra  
al medio del camino real.

Tengo, vamos a ver  
tengo como la tierra tengo el mar

no country,  
no high-life  
no tennis y no yacht  
sino de playa en playa y ola en ola  
gigante azul, abierto, democrático, en fin el mar.

Tengo, vamos a ver  
que ya aprendí a leer,  
a contar,  
tengo que ya aprendí a escribir,  
y a pensar  
y a reír.

Tengo, vamos a ver,  
donde trabajar,  
y ganar,  
lo que me tengo que comer.  
Tengo, vamos a ver,  
tengo lo que tenía que tener.

(Nicolás Guillén, 1902-1989)

Foi a partir da História de Cuba e de poemas como o de Gillén que alguns já confundiram Cuba com a Ilha do Paraíso, ou com a implantação do Reino de Deus. Ao lado disso, se alguém disser que em Cuba as serpentes e os escorpiões não são venenosos, que em verdade não existe nenhum animal venenoso, pode parecer que esteja tentando convencer os outros de que ali é o Éden. Por isto quero convidá-los para que nos detenhamos um pouco na questão religiosa no socialismo, com acento em Cuba.

## Socialismo e Religião em Cuba

Em Cuba apenas uma pequena parcela da população é cristã. A grande maioria é crente, mas não cristã. O que prolifera lá é a chamada “sante-ria”, que se apóia nas tradições e na religiosidade africana. A religiosidade africana mais popular em Cuba é o *abakuá*, parecido com o candomblé no Brasil. Ao lado desta religiosidade africana há as igrejas cristãs. A Igreja Católica Romana, com sua sobriedade litúrgica e as protestantes, com seus acentuados traços de pentecostalismo. Mas nenhum religioso é perseguido em Cuba. Padres, pastores e outros líderes religiosos são reconhecidos e respeitados como tais.

No entanto, o socialismo tem duas concepções e dois tipos de tratamento da questão da religião: a) a concepção marxista que defende que a religião deve ser combatida e enfrentada, contrapondo a ela o ateísmo científico. Por isso, até mesmo a educação escolar tem seu conteúdo traçado em direção ao ateísmo; b) a outra concepção é a leninista, que afirma que religião e igreja são questões de tempo, que fazem parte da infância da humanidade, que, ainda que se renove em diferentes épocas, haverá de desapa-

recer naturalmente com a maturidade política e ideológica das pessoas.

Em Cuba especificamente, nestes 30 anos de construção do socialismo, tem-se procurado coadunar estas duas concepções, divulgando o ateísmo sem entrar em confronto direto com os crentes. A nível político-organizacional, por exemplo, existe até mesmo um Ministério Federal, com Secretarias Estaduais e Municipais para tratar dos assuntos religiosos e das igrejas. Ainda que se diga que os crentes não eram perseguidos, deve-se dizer também que eram limitados em alguns campos, como, por exemplo, na ascensão na carreira profissional e no acesso a determinados cursos universitários, como Psicologia e Pedagogia.

Ainda que ideologicamente orientado pelas concepções marxistas-leninistas, o socialismo em Cuba não pôde deixar de valorizar a existência do sentimento religioso em meio a seu povo. A prédica entusiasmada do ateísmo funciona a nível de liderança, mas não funciona quando dirigida às massas. Da mesma forma, a difusão de uma ideologia nova em meio às massas tem a exposição racional desta ideologia como um papel secundário. As pessoas simples até sabem que existe uma série de razões lógicas que justificam a nova ideologia, mas não se lembram delas e não são capazes de argumentar racionalmente com estas razões. Isto faz com que estas novas ideologias sejam recebidas com a fé. E como a religiosidade popular tradicional é profundamente materialista, porque procura solução para os problemas concretos e imediatos, o socialismo passa a atrair sobre si a fé da religiosidade popular tradicional. Esse é um dos problemas entre o socialismo e a fé cristã, por exemplo. Os dois disputam a fé da religiosidade popular, sem a qual não conseguem se afirmar.

Desta forma, apesar da negação ao desenvolvimento da religião, o socialismo necessita aproveitar o sentimento religioso, a necessidade de fanatismo presente no ser humano. O socialismo canaliza-o para a exaltação do sentimento nacionalista. Assim, a mística religiosa é substituída pelo fanatismo nacionalista. Os heróis nacionalistas são divinizados, venerados e carregados em romarias e diante deles as crianças aprendem a dizer: “Sermos como el...”. Os heróis agora são divinos. Suas palavras são de uma sabedoria e atualidade eternas. Com isso perdem sua humanidade, porque são libertados de suas contradições e fraquezas humanas, tornando-se divinos e impecáveis. Assim são tratados os deuses cubanos, dentre eles, José Martí, *El Che*, Fidel Castro. A religiosidade popular que eles propõem é o patriotismo.

Além do conflito que necessariamente se estabelece entre a religião e o estado socialista, que lutam um contra o outro na disputa pela fé do povo, existe ainda um fator que deve ser destacado. O nacionalismo, o patriotismo fanatizado é um perigo, na medida em que ele fornece à classe governante o “fanatismo”, que lhe permite atrair as massas para sua ideologia. O fanatismo propicia à ideologia um caráter popular que acaba sendo aceito pelo povo com a fé, assumindo a forma de religião. Ideologia se trans-

forma em religião, em algo que, ao invés de ser questionado, revisado, retificado, deve ser aceito com a fé. Nas religiões a fé é o fator determinante, não a razão. E religião, associada ao fanatismo, é ainda mais radical, não permitindo questionamentos. Por isso, ou se crê, ou não se crê, ou se aceita a ordem, ou a convivência fica difícil. Isto pode ser bom para demonstrar certa unidade, que neste momento histórico é fundamental para Cuba. Mas é algo muito perigoso, que pode representar o envenenamento de toda a Revolução, porque dá ao grupo governante poder absolutista, uma autoridade e sabedoria ilimitadas, inquestionáveis. E isso é a morte. O fim do socialismo começou com a impossibilidade legal de fazer oposição. O fim do capitalismo, eufórico, por ter-se tornado o único sistema econômico do momento, começou em novembro de 1989, com o desmoronamento do Leste europeu. Absolutismos nunca se tornam eternos, seja de que modelo econômico forem.

### **As Igrejas Evangélicas em Cuba**

As igrejas evangélicas em Cuba têm todas fortes tendências ao pentecostalismo norte-americano. São, em geral, igrejas pequenas, com reduzido número de membros e muitas com pastores com pouquíssima formação teológica-confessional. Dentre elas está a Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Cuba, em cuja reorganização eu trabalhei. A IECLC é uma igreja pequena, com 85 membros contados em todo o país, sendo que 60 deles já têm mais de 55 anos. Seus pastores têm uma forte formação pentecostal, dois deles não têm nenhum conhecimento teológico-confessional e apenas um se formou no Seminário Evangélico de Matanzas, única casa de formação teológica ecumênica de Cuba.

Desta forma acaba-se entendendo como é possível que um país que foi tão importante para o pensamento revolucionário e também para a teologia da libertação, não tenha conseguido construir sua Igreja da Libertação. Por isso, também para as dificuldades do momento atual, poucas serão as vozes eclesiais que tratarão de se manifestar sobre a posição ideológica de seu país. Consciente disso, o governo cubano convidou as lideranças religiosas de Cuba para uma reunião, onde Fidel Castro apelou para a necessidade da união de todo o povo nesse momento difícil para o socialismo e para Cuba. Essa reunião resultou em um acordo, ecumênico entre as igrejas e o Estado. As lideranças concordaram em participar da fotografia oficial ao lado do governo, em troca da relativização do caráter confessional do Partido e do amortecimento comandado pelo governo central nos casos de intimidação e de limitações aos cristãos que se podiam verificar em alguns setores.

Mas, ainda que se tenha que falar da falta de entusiasmo na relação Igreja e Estado em Cuba, deve-se falar também das esperanças e do anún-

cio de novos tempos. É nesse momento, de hora baixa para o socialismo internacional e cubano, que brotam novas vozes. Existem algumas lideranças nas comunidades, pastores e estudantes de Teologia que falam em auto-crítica e conversão. Dizem que muitas vezes é somente depois dos fracassos que somos capazes de reconhecer os erros, os dogmatismos, os autoritarismos e as falsas seguranças. Isso é assim em relação ao governo, mas também em relação à Igreja. Se a ideologia socialista assumiu entre as massas um caráter religioso, é porque as igrejas não souberam entender os novos tempos trazidos com a Revolução e porque muitas igrejas foram mais igrejas para os exilados que iam para Miami/USA do que para as comunidades que ficaram em Cuba. Portanto, “é próprio dos sábios retificar e dos santos arrepender-se”. Por isso, esses tempos difíceis são também tempos para o auto-exame, para correções com coerência e não apenas para acordos vazios. A experiência em Cuba tem ensinado que o *homem novo* não chega por decreto, nem mesmo é produto automático das transformações sociais. A experiência também ensinou que existem muitas estruturas mentais que são mais difíceis de mudar que estruturas econômicas. Por isso, agora também “é tempo de conversão, de arrependimento, de retificação”.

Além disso, como cristãos precisamos também dizer uma palavra sobre este momento histórico, a partir da fé. A fé nos faz ver o invisível (Hb 11.27), nos faz ver esses momentos como parte da História da Salvação. Essa é uma hora baixa, um momento difícil para as propostas alternativas ao modelo capitalista. É uma hora difícil para as idéias revolucionárias, mas não deixa de ser *uma hora* da História da Salvação. A História segue adiante, apesar dos pesares, apesar das evidências, por caminhos que só Deus conhece. A História continua. A História não acaba nessa hora baixa. Diz o povo em sua sabedoria que nada se parece mais a uma casa em destruição do que uma casa em construção. Por isso, esses ainda não são tempos para o desespero, para se deixar iludir tão facilmente pelos cantos de sereia do neoliberalismo que promete salvação para todos.

Contudo, é preciso também fazer acompanhar a palavra profética que diz que sempre que não há total fidelidade e obediência a Deus, a História pode se deter. Por isso, esses tempos são também tempos de penitência, em que se deve admitir que há momentos em que o Senhor esconde de nós o seu rosto (Sl 59), que por vezes retrai a sua mão esquerda e esconde no peito a sua mão direita (Sl 74). Por isso é tempo de olhar para a História de Cuba com os olhos da fé. Reconhecer que a mão de Deus esteve presente nesta História faz parte deste tempo de retificação e de arrependimento. Quando isso acontecer, então, sim, haverá motivos para se falar em aproximação entre a Igreja e o Estado. Então, sim, haverá possibilidade de que a luz da serenidade abra brecha no horizonte da História, por onde a esperança tomará novo brilho. Até lá não sobra outra coisa no momento que a criatividade na busca de novos caminhos entre a Igreja e o Estado. Em si já sabemos que isso não será tarefa de nenhuma igreja, mas de alguns

cristãos-revolucionários e revolucionários-cristãos. E seguramente estes serão os melhores e também os mais incompreendidos servidores de Deus e da humanidade.

*Todo tiempo futuro tiene que ser mejor.*

Nilton Giese  
Caixa Postal 153  
85900 Toledo — PR